



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUCIMARE MESQUITA DE BRITO
MARIA YASMIN MACHADO SIQUEIRA

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DOS FORMANDOS DE
PEDAGOGIA: PARA ALÉM DO OU “ISTO” OU “AQUILO”?**

PARNAÍBA
2022

LUCIMARE MESQUITA DE BRITO
MARIA YASMIN MACHADO SIQUEIRA

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DOS FORMANDOS DE
PEDAGOGIA: PARA ALÉM DO OU “ISTO” OU “AQUILO”?**

Trabalho de conclusão de curso – TCC apresentado à
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – Campus
Ministro Reis Velloso, como requisito para obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pires Melo

LUCIMARE MESQUITA DE BRITO
MARIA YASMIN MACHADO SIQUEIRA

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DOS FORMANDOS DE
PEDAGOGIA: PARA ALÉM DO OU “ISTO” OU “AQUILO”?**

Trabalho de conclusão de curso – TCC apresentado à
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – Campus
Ministro Reis Velloso, como requisito para obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pires Melo

Aprovado em 14 de outubro de 2022

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Samuel Pires Melo



Profa. Dra. Luciana Matias Cavalcante



Prof. Dr. Osmar Rufino Braga

Dedicatória...

Primeiramente, dedicamos essa grande conquista a Deus, por sempre está ao nosso lado, dando forças e determinação; aos pais de Lucimare Mesquita (Ednalda e Lucimar, este in memoriam) e aos pais de Yasmin Machado (Maria de Fátima e Francisco das Chagas), aos nossos familiares, amigos e ao nosso Prof. Orientador Samuel Pires Melo, gratidão a cada um, por cada palavra, cada gesto e por estarem ao nosso lado quando mais precisamos, vocês fazem parte disso tudo conosco. Com muito amor e carinho, dedicamos a todos vocês este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus por toda força e coragem para persistir em meus sonhos, por me amparar nos momentos em que mais precisei, por sempre cumprir a promessa de me guardar, proteger e guiar.

Agradeço imensamente a minha mãe Ednalda Ferreira, pela vida que me deu, por ter me ajudado nos momentos de maiores dificuldades, você sempre será meu maior exemplo.

Ao meu pai Lucimar Marmorici (in memoriam), seu amor, nossos momentos e o mar sempre farão parte de quem sou. Eu sei que fez o melhor que pode por mim.

A minha avó Alda Ferreira (in memoriam), por ter sido minha segunda mãe, por me ensinar de forma tão grandiosa o caminho certo a seguir, até hoje seus ensinamentos ecoam na mulher que sou.

Ao meu grande parceiro Airton Souza, que conheci na universidade, mas que é parte de tudo que sou hoje. Obrigada por ter me dado colo, carinho e confiança quando eu mais precisava. Gratidão pela parceria todos esses anos, por me ensinar mais sobre empatia, a amorosidade e a amizade. Você é uma das pessoas mais incríveis que a vida me apresentou.

A minha amiga Yasmin Machado, por ser sempre tão companheira, carinhosa e doce. Sua inteligência, cumplicidade e honestidade sempre serão lembrados por mim. Sou muito grata e feliz por dividir com você algo tão importante para nós.

Aos meus amigos dessa longa jornada, Eudes Sousa, Fabrício Everthon, Helena Aires, Laura Rodrigues (in memoriam) e Luís Eduardo, vocês são incríveis e eu sou eternamente grata por conhecer cada um.

Aos meus familiares e amigos, obrigada por dividirem comigo grandes momentos, agradeço imensamente a Deus por ter me dado cada um, e por ter com quem contar.

Agradeço imensamente ao Prof. Orientador Samuel Pires Melo por todo carinho, cumplicidade e amizade. Professor, você é um grande exemplo de profissional e ser humano.

A Profa. Luciana Matias Cavalcante e a Profa. Marly Macêdo, obrigada por toda acolhida, paciência e trocas durante esses anos, o carinho e a doçura de vocês sempre serão lembrados por mim. Ao querido Prof. Osmar Braga, obrigada pelas vivências e grandes experiências que proporcionou.

A Rubi e Menina (minhas cadelas), grandes parceiras, que muito me ensinam sobre o amor e companheirismo. Vocês são as coisas mais lindas que a vida me concedeu, e mesmo que não saibam, vocês me salvam todos os dias.

Lucimare Mesquita de Brito

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me ancorado nos momentos em que mais precisei, me dando força e determinação para alcançar os meus objetivos.

Aos meus pais e irmãos, por compreenderem a minha ausência enquanto eu dedicava o meu tempo aos meus estudos, por serem meu lar depois de um dia cansativo e por correrem comigo nos dias de sufoco.

Aos meus avós, em especial, meu avô José Francisco Sobrinho (in memoriam), que durante uma vida inteira cuidou de mim e dos meus irmãos, não permitindo que nada nos faltasse.

Aos meus amigos, pela amizade, apoio, incentivo e carinho que sempre demonstraram ter por mim, ajudando-me a superar os meus medos e dificuldades.

A minha amiga Laura Rodrigues (in memoriam), por me ensinar grandes lições através de sua alegria contagiante e vontade de viver. Laura, sua risada ainda ecoa por aqui, como uma linda canção.

A minha amiga Lucimare Mesquita, por ser meu braço direito e esquerdo e embarcar nessa jornada comigo, sendo meu Norte e por vezes, meu freio.

Aos meus amigos de longa data, Jayanne Benício, Helena Aires, Luís Eduardo, Fabrício Everthon, Eudes Sousa, Jessiane Reis, Aline Farias, Jéssica Reis, Ruthy Sousa, Isabele Mendonça, Mayra Oliveira e Karol Souza.

Ao professor Samuel Pires Melo, por ser, antes de um orientador amigo e dedicado, alguém que me cativou com a sua postura respeitosa, gentil e amorosa.

Ao professor Osmar Braga Rufino, por ser uma pessoa íntegra e especial, que me despertou para questões políticas e sociais da educação, através de seu olhar atento sobre o mundo e as pessoas.

A professora Luciana Matias Cavalcante, por suas contribuições para este trabalho, e, para além disso, por ser uma inspiração para a profissional que desejo ser.

Aos professores e professoras que tive a oportunidade de conhecer e trabalhar durante a minha formação.

A todos que participaram do desenvolvimento dessa pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Por fim, agradeço aos livros que li durante toda a minha vida, meus melhores amigos e formadores de quem sou, sem eles, nada disso seria possível.

Maria Yasmin Machado Siqueira

A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DOS FORMANDOS DE PEDAGOGIA: PARA ALÉM DO OU “ISTO” OU “AQUILO”

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar concepções e práticas dos formandos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba acerca do trabalho desenvolvido com a literatura infantil. Isso porque consideramos a literatura infantil um importante recurso de transformação humana, mas que vem sendo observado, por parte de alguns professores, como instrumento para entreter os alunos, preencher horário vago ou contar alguma história voltada para o ensino pragmático da leitura e da escrita. Assim, buscamos compreender como esta vem sendo trabalhada por nossos colegas de turma, e se a prática é concebida para além da função pedagógica-utilitária ou lúdica, além do ou “Isto” ou “Aquilo”. Os autores que embasaram essa pesquisa foram: André e Gatti (2008), Bardin (2011), Cadermatori (2010), Cândido (2011), Coelho (2010), Freire (2005), Lajolo e Zilberman (2007), Macêdo (2020), Moreira (2002), Palo e Oliveira (2006), Rambo (2018), Torres (2017), Zilberman (1994), entre outros. Utilizamos como metodologia, a pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva. Para tanto, realizamos uma revisão de literatura, utilizando como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada para oito acadêmicos do último período do curso de pedagogia da referida instituição. Concluímos o quanto a literatura infantil é desenvolvida de forma superficial nas escolas, tendo seu papel resumido ao ler por ler ou para alfabetizar. Embora muitos dos formandos tenham consciência da importância de trabalhar a literatura infantil com mais qualidade, relatam não conseguir desenvolver isso na prática, pois se sentem presos ao tradicionalismo presente nas escolas.

Palavras-chave: Prática docente. Literatura Infantil. Formação de professores.

ABSTRACT

In this study, we aim to identify the conceptions and practices of the undergraduate students of the licentiate degree in Pedagogy at the Parnaíba Delta Federal University regarding the developed research with children's literature. We consider children's literature a significant resource for human transformation, however, it has been used as an entertainment tool. By some teachers, it has been used only to fill the free times or to tell stories aimed at the pragmatic teaching of reading and writing. Thus, we seek to understand how children's literature has been worked on by our undergraduate colleagues. If the practice is planned beyond the pedagogical utilitarian and playful function of the "This" or "That". We based our research on the following authors: André and Gatti (2008), Bardin (2011), Cadermatori (2010), Cândido (2011), Coelho (2010), Freire (2005), Lajolo and Zilberman (2007), Macêdo (2020), Moreira (2002), Palo and Oliveira (2006), Rambo (2018), Torres (2017), Zilberman (1994), and others. We used here the research methodology of qualitative and descriptive approaches. For this, we carried out a bibliographic review of literature, using as data collection instruments a semi-structured interview applied to eight undergraduates from the last period of the course of Pedagogy at the present institution. From the results obtained, we conclude how much children's literature is developed superficially in schools, having its role summarized as the act of reading for the sake of reading or to teach literacy. Although many of the undergraduates are conscious of the relevance of working the children's literature with more quality, they report not being able to develop this in their practices, as they are still subjected to the current traditionalism of the schools.

Keywords: Teaching practice. Children's literature. Teacher education.

1. Introdução

A literatura infantil é um gênero literário voltado para o público infantil e infanto-juvenil. Esse gênero proporciona um elo entre o imaginário e o mundo real, provocando nas crianças o desejo de aprender, o desenvolvimento cognitivo e socioemocional e despertando a imaginação, criatividade e o discernimento. Uma vez que se torna leitora a criança adquire consciência crítica sobre a sociedade em que vive, se tornando protagonista de sua vida e um sujeito capaz de transformar a própria realidade. (COELHO, 2010).

Contudo, desde o seu surgimento, a literatura infantil foi reduzida a um pragmático, sendo vista, muitas vezes, somente como uma ferramenta de ampliação do domínio da língua portuguesa ou como um “gênero secundário, que adquiriu uma função equiparada a um mero brinquedo ou uma forma de entretenimento”. (MACÊDO, 2020, p. 9).

Portanto, enfatiza-se que o trabalho com esse importante instrumento de transformação humana deve ser realizado de forma cuidadosa, cabendo ao professor explorar não somente funções pedagógicas e lúdicas, referidos aqui com o termo *Ou Isto ou Aquilo*¹, mas também lutar *Para além* disso, o que se refere a uma uma formação emancipatória de seus alunos.

Vale salientar que a intenção deste trabalho não é desprezar ou condenar as funções pedagógicas e lúdicas que a literatura infantil pode oferecer para o trabalho do professor em sala de aula, pois entende-se que tais funções são necessárias e podem enriquecer o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, porém, quando são exploradas corretamente, não sendo reduzidas a uma ludicidade para preencher um horário vago ou uma pedagogia utilitarista, para apresentar resultados rápidos e soluções imediatas, tornando o ensino mecanizado e pragmático.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar concepções e práticas dos formandos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba acerca do trabalho desenvolvido com a literatura infantil. Para tanto, procuramos conhecer e analisar as metodologias utilizadas pelos discentes em suas respectivas práticas no contexto de sala de aula, analisando quais são suas concepções e como desenvolvem suas práticas com as histórias infantis.

O interesse em pesquisar esse tema desenvolveu-se por meio do contexto atual onde a literatura infantil está inserida, contexto este percebido através de nossas experiências nas

¹ Ou Isto ou Aquilo é um livro escrito por Cecília Meireles, sendo publicado no ano de 1964 pela editora Giroflê-Giroflá.

escolas e leituras sobre o tema. De modo geral, alguns professores utilizam as histórias infantis para entreter os alunos, preencher algum horário vago ou para contar uma história específica, voltada para o ensino pragmático da leitura e da escrita. Assim, esse contexto nos trouxe inquietações acerca de compreender como a literatura infantil está sendo trabalhada por nossos colegas de turma, e, se a prática é concebida para além de funções pedagógicas ou lúdicas.

Acreditamos que a realização dessa pesquisa é fundamental para a educação, contribuindo para professores e futuros professores, pois a temática proporciona uma reflexão sobre a prática pedagógica com o uso da literatura infantil e o seu espaço na escola. Os autores que embasaram essa pesquisa foram: André e Gatti (2008), Bardin (2011), Cadermatori (2010), Cândido (2011), Coelho (2010), Freire (2005), Lajolo e Zilberman (2007), Macêdo (2020), Moreira (2002), Palo e Oliveira (2006), Rambo (2018), Torres (2017), Zilberman (1994), entre outros.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: 1. Introdução, 1.1 Era uma vez um gênero literário chamado Literatura Infantil, 1.2. Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo e 1.3 Para além do Ou Isto ou Aquilo. No tópico 2 apresentamos os métodos utilizados para a pesquisa e no tópico 3 apresentamos os nossos resultados: 3.1 A percepção dos participantes sobre literatura infantil, 3.2 Trajetórias experimentadas pelos participantes com a literatura infantil, 3.3 A ótica dos participantes sobre o papel assumido pela literatura infantil em sala de aula, 3.4 A formação acadêmica na graduação com a literatura infantil, 3.5 Contextualização e avaliação da literatura infantil pelas práticas dos discentes em formação de professores, 3.6 Caráter libertador e emancipador da literatura infantil pela percepção dos discentes em formação de professores e 3.7 Olhares dos participantes sobre como deve ser o trabalho com a literatura infantil. No tópico 4 estão as considerações finais e por fim estão as referências bibliográficas.

1.1. Era uma vez um gênero literário chamado Literatura Infantil

Cada época enxergou e produziu literatura de sua maneira. Por isso, assim como a sociedade está em constante evolução política, social e cultural, a literatura também está e evolui na mesma velocidade. Atualmente, para além do estético, da arte, do prazer e da emoção, a literatura está, ou se espera que esteja, voltada para a transformação crítica do leitor/receptor.

No âmago da literatura, encontra-se a literatura infantil, caracterizada por ser um gênero que está situado no sistema literário e no sistema da educação. No que se refere às definições do conceito de literatura infantil, frequentemente encontra-se certa alternância ou convivência entre critérios estéticos e pedagógicos. Quanto a este último, explica-se pelo fato da literatura

infantil encontrar um lugar de destaque na educação, por assumir um papel necessário para a formação de leitores. (CADERMATORI, 2010).

Ela faz parte do gênero ficção, assim, propõe uma narrativa imaginária e não real. Dessa forma, a literatura infantil é como um terreno fértil, com amplas possibilidades, podendo abranger assuntos e contextos diversos. Esse gênero, destinado para uma faixa etária específica, possui elementos próprios, voltados para cada competência de leitura que o leitor em questão já alcançou, assim, vale ressaltar que cada criança possui irreduzíveis diferenças que as fazem um caso único e especial.

O autor escolhe uma faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas. (CADERMATORI, 2010, p. 17).

Nesse sentido, a adequação dos textos às variadas etapas de desenvolvimento das crianças é algo essencial para que o convívio do leitor com a literatura ocorra de forma efetiva. Coelho (2010, p. 32-40) destaca quatro categorias de leitores, sendo elas: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. Logo, para cada tipo de leitor existem livros específicos, conforme os seus interesses, idade e domínio do mecanismo de leitura.

Todavia, analisando o contexto histórico da literatura infantil, nota-se que essa preocupação com criança, com os seus interesses e peculiaridades não foram sempre levadas em consideração. Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p. 14), somente na primeira metade do século XVIII foram publicados os primeiros livros destinados ao público infantil. Antes disso predominava a concepção de que a criança era um adulto em miniatura, por isso, poemas, contos e demais gêneros literários traziam aspectos moralizantes.

Essa mudança de paradigma ocorreu devido ao surgimento de uma nova noção de família e por consequência, um novo olhar para a criança, que passa a ser concebida como: “um ser que precisava de cuidados específicos para sua formação humana, cívica, espiritual, ética e intelectual”. (COELHO, 2010, p. 148).

Apesar dessa mudança de paradigma, os novos textos voltados especificamente para crianças passaram a ser escritos com uma nova intencionalidade: ensinar a ler e a escrever. Desse modo, os primeiros textos foram escritos por professores e professoras, com uma premissa educativa. Visto isso, ainda predomina na escola uma visão pedagógica e utilitarista acerca do trabalho com a literatura infantil, sendo utilizada como pretexto para ensinar os conteúdos curriculares, ou até mesmo de forma superficial, priorizando apenas o lúdico para preencher horários vagos.

1.2. Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...

A literatura infantil pode ir além do “Isto” e do “Aquilo”, podendo desenvolver a fruição, o deleite, a apreciação do estético, o desejo e o prazer por aprender e fazer uso daquilo que leu/conheceu por meio das histórias infantis, conhecer-se por meio das histórias e conhecer outras visões de mundo. Ao reduzir as histórias infantis a uma prática pedagógica-utilitarista ou apenas lúdica e de entretenimento, pouco se reflete sobre a importância de tornar essa experiência mais rica e significativa para a criança, despertando nela, além da diversão e aquisição da língua escrita, o desenvolvimento do seu ser integral.

Para Zilberman (1994, p. 24):

(...) não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente; se está a seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional.

Conforme Zilberman (1994), o trabalho com a literatura infantil em sala de aula não pode, de maneira alguma, ser reduzido à função pedagógica, pois, ao unir literatura infantil e escola, os educadores devem preservar a natureza formativa que essas esferas possuem. Escola e literatura infantil podem proporcionar o conhecimento do mundo e do ser, fazendo com que os sujeitos envolvidos nesse processo se formem quanto cidadãos preparados para o convívio em sociedade, conhecedores de seus direitos e transformadores de suas realidades.

Nessa perspectiva, um dos documentos norteadores da educação infantil, o RCN (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) diz que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (BRASIL, 1998. vol. 3, p. 143).

Para Caldin (2003), a literatura infantil é uma poderosa ferramenta para auxiliar no processo de desenvolvimento do educando enquanto ser social, trazendo consigo o poder de pertencimento a uma sociedade, com direitos, deveres e valores a serem vividos, além disso, promove de forma mais prazerosa e significativa importantes conhecimentos, contribuindo para a imaginação, ludicidade, leitura e escrita.

Dessa maneira, cabe ao professor levar o seu aluno ao mundo da literatura, apresentando diversos textos, aguçando a imaginação e a oralidade dos mesmos. Para isso é preciso que esse

professor também tenha acesso a esse mundo, e que ele sinta prazer e vontade de explorá-lo ao lado de seus alunos.

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998. vol. 3, p 143).

Uma questão recorrente é que poucos professores, em formação ou que já estão atuando nas escolas, não possuem conhecimentos aprofundados acerca da literatura infantil, tão pouco tiveram uma formação que privilegiasse esse conhecimento, assim, involuntariamente, acabam reproduzindo práticas bancárias.

Nas palavras de Rambo (2018, p. 4), os educadores, muitas vezes, assumem uma posição de “detentores do conhecimento, e aos educandos, a posição de objetos, passivos, mantendo uma condição de depósitos do valor.” Como consequência disso, o trabalho com a literatura infantil na escola se torna pouco eficaz, dogmático e tradicional.

Sobre o espaço escolar, Coelho (2010, p. 17) disserta que:

O espaço escolar deve ser, ao mesmo tempo, libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence.

Logo, surge a carência de políticas de acesso à cultura e formação continuada para professores, para que estes se tornem profissionais aptos para o trabalho efetivo com os livros infantis em sala de aula, a partir disso, o professor irá conhecer, refletir e aprender sobre essa prática, ampliando seu repertório e sua visão crítica em relação ao mundo em que vive, vivenciando de forma aprofundada o papel político-social da literatura infantil em sala de aula, escolhendo obras apropriadas ao leitor infantil, metodologias adequadas e temáticas emergentes do cotidiano, fazendo com que a criança se sinta pertencente à sociedade em que vive.

1.3. Para além do Ou Isto ou Aquilo

Através da leitura os sujeitos não somente são instruídos, adquirindo conhecimento por meio das obras escritas, como também tornam-se capazes de transformar esse conhecimento. Nesse sentido, a leitura possibilita a assimilação dos valores da sociedade e a emancipação dos seres humanos, já que ao ler uma obra literária, a criança pode refletir crítica e reflexivamente sobre ela, combatendo a alienação e alcançando a plenitude, ou melhor, a sua liberdade e emancipação. (CALDIN, 2003).

Em conformidade com o pensamento de Karl Marx e Theodor Adorno, a emancipação expressa a superação de uma sociedade de classes para se alcançar a liberdade plena, integral e livre. Uma sociedade em que o ser humano seja livre de qualquer forma de exploração, onde possa viver em condições dignas e ter seus direitos garantidos. (TORRES, 2017).

Tendo em vista a criança como um sujeito histórico que possui seus direitos, devendo esses ser garantidos e acessíveis a todos e todas, tornando essa criança capaz de construir sua identidade, sua percepção de mundo e de sociedade, fazendo-a se sentir pertencente e acolhida. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), define a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Assim sendo, a literatura age como um instrumento de formação, questionamento, conscientização e libertação dos leitores. Nas palavras de Cândido (2011, p. 177): “a literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate”. Dessa forma, os livros ajudam os sujeitos a se formarem quanto cidadãos e tornam-se mais aptos ao enfrentamento de problemas sociais para reivindicar injustiças que possam vir a sofrer.

Sobre isso, Coelho (2010, p. 15) afirma que:

É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência do mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca (...) e parece fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.

Infelizmente, em muitas sociedades a literatura é consumida apenas pelas classes dominantes. O escasso acervo literário das bibliotecas públicas e de escolas públicas, o preço exacerbado dos livros e a restrição dos mesmos para a população mais carente e oprimida, faz com que o contato com a literatura não ocorra democraticamente para toda a população. Em vista disso, para o bem-estar social, deve-se pensar na seguridade do direito à literatura para todos, bem como pensar sobre a garantia dos direitos humanos. (CÂNDIDO, 2011).

Conforme Cândido (2011), o indivíduo quando tem o seu direito à literatura garantido, também garante outros direitos, como o direito a uma educação de qualidade e adequada, capaz de torná-lo um ser crítico e emancipado politicamente, capaz de refletir sobre a situação em que se encontrava antes.

Por isso é necessário pensar sobre uma educação que trabalhe a criticidade dos

indivíduos, pois uma educação crítica possibilita que os sujeitos se questionem sobre as injustiças e os privilégios e se mobilizem socialmente, com empatia e noções de sociedade justa, igualitária, livre de paradigmas e preconceitos. (FREIRE, 2005).

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (2005), Paulo Freire fala sobre “Educação libertadora”. Para Freire, essa é uma educação política, que leva a emancipação dos educandos através da luta em prol de sua libertação, estimulando o aluno a participar ativamente do seu processo de aprendizagem, problematizando a sua realidade. Essa prática se baseia no diálogo crítico e libertador entre educadores e oprimidos.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando e educando-educador. (FREIRE, 2005, p.78).

Desse modo, o educador, reconhecendo o seu papel como mediador do conhecimento, assume uma postura de liderança revolucionária, porém, sua ação libertadora deve ser realizada com os educandos. Conforme Freire (2005, p. 60) o educador não pode esquecer que “a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de coisas. Por isso, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros”.

Dessa maneira, ao utilizar a literatura infantil em sala de aula, o educador deve pensar para além do que diz os documentos que regem as suas práticas, não permitindo condicioná-las a eles. Isto posto, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento normativo que serve para a elaboração dos currículos das escolas públicas e privadas brasileiras, diz que:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BRASIL, 2018, p. 42).

Para além do que a Base traz para as experiências com as histórias infantis em sala de aula, é necessário que, com estratégias de fruição e deleite à leitura, o professor-mediador proporcione um diálogo problematizador e ao mesmo tempo sensível sobre as histórias lidas, para que os educandos, ao mesmo tempo que apreciem o momento de fruição e prazer, também se despertem para questões políticas e sociais da sociedade. A dimensão político-social da literatura infantil tem o poder de provocar, enriquecer e encaminhar à reflexão, tornando a criança um sujeito emancipado, com desejos e visões próprias acerca do mundo em que vive.

2. MÉTODOS

2.1 Tipo de estudo

Para o presente estudo realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva. Utilizamos técnicas de coleta de dados com a entrevista semiestruturada. A pesquisa se passa na Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, localizada na cidade de Parnaíba-PI.

Conforme André e Gatti (2008, p. 30) a abordagem qualitativa age como: “uma ruptura do círculo protetor que separa pesquisador e pesquisado”, assim, possibilita uma aproximação entre pesquisador e sujeito, criando uma relação horizontal entre ambos.

2.2 Participantes

Esta pesquisa contou com a colaboração de 8 (oito) graduandos do último período do curso de pedagogia da UFDPAr, sendo 4 (quatro) do sexo feminino e 4 (quatro) do sexo masculino, com idades que variam de 21 (vinte e um) a 34 (trinta e quatro) anos. A escolha dos participantes deu-se a partir de uma seleção feita pelas autoras, cujo o critério para participação, além de estarem no último período do curso de pedagogia da UFDPAr, consistia no fato dos (as) entrevistados (as) terem utilizado ou estarem utilizando a literatura infantil em algum momento de sua prática.

2.3. Coleta de dados

Para a coleta dos dados, fizemos uso de roteiro de entrevista semiestruturada com itens sociodemográficos que caracterizavam os participantes quanto idade, sexo, cor, moradia (zona urbana/rural), nível de formação da mãe e/ou do pai, tipo de escola onde estudou (pública/privada), nível de formação e se participaram dos Programas PIBID² e RP³. A preocupação em traçar essas características se dá pela necessidade de considerar a subjetividade dos participantes.

As perguntas elaboradas para as entrevistas abordam questões a respeito da literatura infantil, além disso, permitem que os entrevistados exponham suas concepções e descrevam suas práticas. Realizamos entrevistas individuais que tiveram duração média de 14-30 minutos, foram gravadas e, posteriormente, transcritas para então serem analisadas.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES.

³ Residência Pedagógica, financiado pela CAPES.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos de coleta de dados, pois “permite a captação imediata e corrente de informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

2.4. Análise de dados

Deu-se através das etapas da técnica proposta por Bardin (2011), sendo elas: pré-análise, que é uma forma de sistematizar as ideias iniciais coletadas; exploração do material, que consiste no recorte do texto em forma de unidades de registro; e interpretação, que consiste na captação de todo conteúdo coletado e estabelecer relações de comparação ou justaposição das diversas análises, dessa forma foi possível estabelecer as respectivas semelhanças e diferenças.

3. A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DOS FORMANDOS DE PEDAGOGIA: PARA ALÉM DO OU “ISTO” OU “AQUILO?”

Os sujeitos deste estudo receberam nomes fictícios de personagens da literatura infantil para preservar suas identidades. Conforme as características sociodemográficas dos entrevistados (tabela 1), predominam participantes com idades de 22 e 23 anos, cor parda, residentes da zona urbana, pais com formação até o Ensino Fundamental I e Ensino Médio, ex-estudantes de escolas públicas, pública e privada (ambas).

Tabela 1- Perfil sociodemográfico dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Cor	Moradia	Tipo de Escola onde estudou	Formação do pai e/ou mãe	Ex-PIBID	Ex-RP
Pequeno príncipe	23	M	Pardo	Zona urbana	Pública e privada	Ensino médio	S	S
Gato de botas	21	M	Pardo	Zona rural	Pública	Ensino Fundamental I	N	S
Emília	34	F	Branca	Zona urbana	Privada	Ens. médio/Graduação	S	S
Alice	22	F	Branca	Zona urbana	Privada	Ensino Fundamental II	S	N
Pinóquio	22	M	Negro	Zona urbana	Pública e privada	Ensino médio	S	N
Peter Pan	24	M	Pardo	Zona urbana	Pública	Ens. Fund. I/ Ens. médio	N	S
Narizinho	23	F	Negra	Zona urbana	Pública	Ensino Fundamental I	N	S
Rapunzel	22	F	Parda	Zona urbana	Pública e privada	Graduação/Ensino Fundamental II	S	S

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

3.1. A percepção dos participantes sobre literatura infantil

Quando questionados sobre o conceito de literatura infantil, os oito entrevistados souberam responder a essa pergunta, demonstrando um entendimento claro sobre o conceito de literatura infantil e expressando pontos de vista diversos ao destacar características que fazem parte desse gênero.

Pequeno Príncipe: São histórias, contos e textos ricos que prendem a atenção das crianças, fazendo com que elas mergulhem naquele texto que foi proposto para isso, para que as crianças possam se espelhar e ter aquela personalidade que está ali naquela história.

Gato de Botas: São os textos que são voltados para o público infantil, que traz uma ludicidade, que traz um contexto mais delicado e sensível para as crianças entenderem e terem uma visão de mundo de acordo com a idade delas.

Emília: A literatura pra mim, ela aparecia nos livrinhos paradidáticos, então apenas nos livros paradidáticos que eu via na escola e alguns podia levar pra casa e também as histórias em quadrinhos, que eram os gibis.

Alice: São livros que trazem algum significado para as crianças no contexto infantil.

Pinóquio: São escritos e textos voltados para as crianças que ajudam a formar a consciência da criança.

Peter Pan: A literatura que é feita para crianças, é um ramo da literatura que tem suas especificidades, coisas específicas para crianças.

Narizinho: É um meio para iniciar o amor pela leitura com as crianças, trazendo temáticas que sejam voltadas para elas, no caso temáticas que elas consigam compreender e a partir desse trabalho acho que despertará o amor pela leitura, de acordo com uma sequência contínua, pois também não adianta fazer só uma vez e depois esquecer, trabalhar continuamente vai despertar o amor pela leitura e compreensão também de outras questões, pois a partir da leitura podemos compreender vários assuntos da sociedade.

Rapunzel: É um processo dinâmico que envolve o imaginário da criança.

Para Coelho (2010, p. 27) a literatura infantil é: “arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”. À vista disso, percebemos que os participantes trazem elementos que só a literatura infantil pode proporcionar para a criança, como o reconhecimento de sua identidade e formação de sua consciência, identificação com personagens das histórias, criatividade, imaginação, amplas visões de mundo, construção de significados e amor pela leitura.

3.2. Trajetórias experimentadas pelos participantes com a literatura infantil

Percebemos que sete dos oito entrevistados tiveram contato com a literatura infantil ainda na infância, mesmo que de forma superficial, por meio da escola ou da própria família.

Gato de Botas: Meu primeiro contato com a literatura infantil foi na escola, na educação infantil em si, quando as professoras iam contar histórias, ler os livros pra

gente, nas atividades também, que vinha sempre algum texto, algum poema, algo curto mas que envolvia a literatura infantil.

Pequeno Príncipe: O meu primeiro contato aconteceu na minha infância, através da minha família que sempre teve histórias bíblicas e maletas pedagógicas, kit com livros e cd com as histórias narradas, então, eu ia ouvindo as histórias e acompanhando os livros, mesmo não tendo muito conhecimento de leitura.

Narizinho relata não ter tido esse acesso às histórias infantis durante a sua infância, seja na escola ou na família: “não consigo me lembrar se na minha infância li algum livro de literatura infantil, acredito que não tive esse contato. Só a partir da adolescência que tive um contato com livros juvenis”. Assim, nota-se que Narizinho, estudante de escola pública, teve seu direito à literatura negado e este direito se faz tão necessário quanto os demais.

De acordo com Cândido (2011) é preciso que o estado assegure alimentação, moradia, saúde, e também o direito à literatura. Por isso, se não foi negado à Narizinho, talvez este direito tenha sido sucateado, assim como é o caso do ensino público brasileiro, prejudicado por falta de políticas públicas e por más gestões, resultando em um escasso acervo literário às escolas e aos professores nenhum suporte para tornar o trabalho com a literatura infantil mais significativo para as crianças.

3.3. A ótica dos participantes sobre o papel assumido pela literatura infantil em sala de aula

Palo e Oliveira (2006, p. 13) discutem que “dentro do contexto da literatura infantil, a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança”, dessa forma, os livros infantis levados para o contexto escolar são reduzidos a objetivos educativos, sem a premissa do ler por deleite, fruição, conscientização, libertação ou emancipação.

Questionamos os participantes como eles percebiam o papel da literatura infantil em sala de aula e se consideravam que este trabalho ocorre de forma mais utilitária-pedagógica ou está sendo desenvolvido de maneira que explore outras dimensões, como a conscientização, libertação e emancipação dos educandos. Gatos de Botas e Narizinho acham que a literatura infantil está sendo trabalhada em sala de aula de forma mais pedagógica, visando a alfabetização e a abordagem de datas comemorativas.

Gato de Botas: Ela é muito voltada pra forma pedagógica mesmo, essa questão de debater temas é muito voltado para datas comemorativas, não tem algo mais amplo, é sempre aquele padrão, chegou festa junina, vem uma literatura voltada para festa junina (...)

Narizinho: Ela está mais voltada para a alfabetização, pois, pela experiência que tive, em uma escola voltada para a educação bem tradicional, percebi que é muito difícil encontrar livros que tratem de temáticas sociais (...) os livros que são levados e

trabalhados com as crianças são mais para alfabetizar, entreter e divertir, mas conscientizar mesmo só em épocas específicas do ano, por exemplo, vou ler um livro de consciência negra porque está chegando o dia da consciência negra, não tem uma utilidade tão precisa.

Pequeno Príncipe, Pinóquio e Peter Pan, estagiários de escolas públicas, acreditam que a literatura infantil está sendo trabalhada de forma bastante *recortada*, como pretexto para atividades de leitura e ensino de disciplinas consideradas mais relevantes. Os entrevistados explicam que isso ocorre pela rotina exacerbada da sala de aula e dos professores, que não possuem tempo suficiente para planejarem um trabalho mais efetivo, por isso, recorrem aos livros didáticos, tornando o ensino mecanizado e reducionista.

Pinóquio: É mais trabalhada como uma base para se chegar a outro lugar, por exemplo, em um assunto de português, o professor leva aquele texto para sala de aula e fará uso apenas de algumas palavras daquele texto, para o assunto que deseja passar. Com isso percebo que literatura infantil nunca é um alvo, é sempre uma ponte (...) tudo na escola só tem o intuito de ensinar e ensinar.

Emília é estagiária de uma escola privada e vê que as histórias infantis, dentro da escola onde atua, estão sendo trabalhadas por meio de projetos de leitura, para exercitar a leitura dos alunos ou dar algum tipo de retorno para os pais, que compram livros infantis utilizados durante o ano letivo.

Emília: Vejo que ela é muito voltada só para parte de projetos, às vezes eles fazem projeto de leitura, aí eles colocam os livros para que a criança leia ali ou leve pra casa pra no outro dia fazer a troca de livro (...) ela não é trabalhada para desenvolver alguma coisa, o pensamento, o ser mais crítico e reflexivo, não, ela atualmente trabalha projeto daquela forma de tem que usar aqueles livros porque os pais compraram aqueles livros e os livros precisam ser usados.

Em correlação ao estudo de Santos (2021), que buscou em sua tese conhecer as percepções de professores com a literatura, no caso, literatura de cordel, percebemos que nas escolas públicas, a utilização da literatura em sala de aula depende dos educadores. Enquanto, que, nas escolas privadas, nota-se que “existem projetos e sequências didáticas, que acontecem com as crianças desde bem pequenas, o que dá continuidade ao trabalho docente, apresentando maiores possibilidades de aprendizagem para as crianças”. (SANTOS, 2021, p. 152).

Nesse sentido, analisando as falas dos entrevistados, percebemos que a forma como a literatura infantil está sendo trabalhada nas salas de aula, tanto da rede pública e privada, visa somente desenvolver funções pedagógicas-utilitárias, sendo que nas escolas privadas existe uma cobrança para que a literatura infantil seja trabalhada de forma mais intensa, por conta dos pais. Enquanto nas escolas públicas o professor costuma utilizá-la com mais frequência para preencher horários, ficando esse uso a critério do mesmo.

3.4. A formação acadêmica na graduação com a literatura infantil

Quando perguntados sobre como aprenderam a trabalhar com a literatura infantil, Narizinho, Peter Pan, Gato de Botas, Pequeno Príncipe, Alice e Rapunzel disseram que aprenderam em suas práticas nas escolas onde atuaram como estagiários, aplicando os conhecimentos teóricos que tinham adquirido até então dentro do curso.

Gato de Botas: Aprendi na prática mesmo, me inspirando nos professores que trabalham com a literatura infantil de forma positiva e negativa, então eu pego as inspirações positivas e levo comigo e as inspirações negativas eu levo comigo para poder corrigir na minha própria prática para não repetir esse erro.

Logo se vê a necessidade de compreender teoria e prática como processos que não se dissociam, e sim se inter-relacionam. Segundo Freire (2005), os professores precisam basear suas práticas em uma práxis pedagógica, pois, para ele, práxis significa agir e refletir ao mesmo tempo. Esse processo se constitui como uma contínua formação crítico-reflexiva sobre a própria prática docente e também sobre a sociedade. Um educador que utiliza práxis, pensa o mundo com olhos de esperança e transformação.

Em sua fala, Peter Pan ressalta que “foi meio que na prática que aprendi a utilizar a literatura infantil e ainda estou aprendendo”. Pinóquio relatou que ainda está aprendendo a trabalhar com a literatura infantil, apesar de ter aprendido algo na prática “acredito que ainda estou aprendendo a trabalhar com a literatura infantil, pois todos os dias aprendo coisas novas. Quando fiz parte do PIBID, tive que aprender algo na prática”. Com suas falas percebemos que nós, como sujeitos inacabados, estamos em constante processo de aprendizado e formação.

Emília, também ex-participante do PIBID, não sabe ao certo se aprendeu a trabalhar com a literatura infantil e tanto ela quanto Pequeno Príncipe queixam-se da própria grade curricular do curso de pedagogia da UFDPAr, que dispõe da disciplina Literatura Infantil apenas nos últimos períodos do curso.

Emília: Pra falar a verdade eu nem sei se aprendi a trabalhar com a literatura infantil. Por que eu acho que até mesmo no curso da gente, a gente começou a ver agora no último período, então quantos estágios já não tivemos? PIBID e Residência, os meninos fazendo estágio, a gente foi ver agora no último período. Então não sei se me ensinaram a trabalhar com literatura infantil.

Pequeno Príncipe: Acredito que poderíamos mudar alguns detalhes na nossa grade do curso, em relação a disciplina de literatura infantil, que poderia estar logo nos primeiros períodos, onde já estávamos inseridos nas escolas.

Entretanto é inegável que o ensino e a pesquisa dentro do curso contribuem efetivamente para uma prática mais direcionável e contextualizada dos acadêmicos nas salas de aula. Alice relata que através da universidade viu que necessitava trabalhar com a literatura infantil e questões sociais: “pensei por que não trabalhar com essas temáticas sociais através da

literatura?”. Narizinho vê que dentro da universidade foi possível adquirir uma visão diferenciada que a fez: “tentar colocar essas temáticas em minha prática, politizar, colocar o aluno como ativo do conhecimento dele”. Para Peter Pan, a disciplina literatura infantil “abre muito o nosso campo de visão porque às vezes a gente trabalha de qualquer forma”.

De acordo com suas falas, a partir da universidade os participantes ampliaram suas visões de mundo e passaram a levar para a sala de aula livros infantis com temáticas sociais, proporcionando uma reflexão sobre essas histórias. Sendo assim, podemos caracterizar a universidade como um espaço político, que pode despertar em seus futuros profissionais o desejo de atuar como sujeitos conscientes e transformadores da sociedade.

Infelizmente, quando entram nas salas de aula, muitos professores e estagiários encontram grandes desafios ao desenvolverem uma prática conscientizadora. Conforme Narizinho: “querendo ou não, quando adentramos uma sala de aula, acabamos esquecendo um pouco disso”. A participante se refere a dificuldade em levar para a escola o debate conscientizador sobre temas e situações injustas da nossa sociedade, pois, muitas vezes, a escola se fecha ao currículo e os professores, mesmo sem essa premissa, acabam reduzindo suas práticas em práticas bancárias.

Freire (2005, p. 66) define a educação bancária como “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Nesse tipo de educação, o professor assume uma postura de dono do saber que transfere e deposita seu conhecimento em um aluno que nada sabe, só absorve o que é a ele transferido. Por isso, exercitar a práxis é algo inerente ao ser professor.

3.5. Contextualização e avaliação da literatura infantil pelas práticas dos discentes em formação de professores

Perguntados sobre quais estratégias utilizam para levar a literatura infantil para as suas práticas, Emília e Rapunzel trabalham com a ferramenta apenas por meio de projetos de leitura que possuem a finalidade de desenvolver a escrita e interpretação dos educandos. Os demais entrevistados relataram que utilizam a contação de histórias como estratégia metodológica. Tal estratégia é de suma importância para o trabalho com a literatura infantil, já que ouvir histórias ajuda o educando a desenvolver seu potencial crítico.

Macêdo (2020) defende em sua tese que “ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade e quando se desenvolve essa prática em sala de aula, constrói-se uma ponte entre o sujeito-leitor, sujeito e o texto criando um diálogo entre eles”. No

entanto, percebemos que ao utilizar essa ferramenta, alguns entrevistados não se preocupam em desenvolver o potencial crítico do ouvinte e priorizam mais outros interesses.

Pequeno Príncipe nos contou que trabalha com a contação de histórias para propor atividades de leitura e interpretação. Pinóquio disse que utiliza a contação de histórias para o desenvolvimento de sequências didáticas e com essa finalidade muitas vezes os conteúdos da sequência didática se sobressaem à história lida.

Pinóquio: Trabalho com a literatura infantil através de contação de histórias e sequências didáticas, mas percebo que ao trabalhar com sequências didáticas, às vezes os assuntos se sobressaem aos livros, fazendo com que ele fique em segundo plano.

Contudo, notamos que os outros participantes utilizam a literatura infantil alinhada a contação de histórias ou de outras ferramentas de forma bastante interessante e significativa para o educando. O participante Gato de Botas disse que desenvolve oficinas de literatura de cordel alinhada à literatura infantil e baseia a sua prática nas concepções de Paulo Freire. Peter Pan utiliza a contação de histórias para iniciar suas aulas, estudar os elementos da capa do livro, debater e interpretar a história lida. Alice utiliza a contação de histórias e ao final da contação proporciona discussões sobre o que foi lido.

Alice: Faço uma reflexão com as crianças, buscando saber o que elas entenderam sobre a história contada, quais ideias vieram à mente durante essa leitura, se já viveram situações parecidas com aquelas descritas nos livros.

Sobre os livros que costumam trabalhar, Emília disse que trabalha com livros que tratam de assuntos referentes ao cotidiano infantil, pois percebeu que os seus alunos não se interessam por contos de fadas. Já Rapunzel e Pequeno Príncipe preferem trabalhar com contos de fadas por acharem de fácil entendimento. Gato de Botas prioriza o trabalho com livros com temáticas regionais e, por ser cordelista, utiliza bastante a literatura de cordel. Peter Pan disse que procura diversificar a sua prática, por isso leva para a sala de aula livros com diversos gêneros textuais, como fábulas e parlendas.

Pinóquio, Alice e Narizinho disseram que preferem trabalhar com livros que abordam outras realidades e temáticas sociais, como respeito, diversidade e relações étnico-raciais, por considerarem temas importantes para dialogar com as crianças.

Narizinho: Busquei levar livros que trazem essas temáticas importantes para os alunos, além da diversão. Tentar ver o que eu poderia tirar daquele livro, além da história, o que mais o aluno poderia pensar a partir do que ele está lendo, como eu poderia fazer com que ele dialogasse dentro de sala de aula, a enxergar além do que ele leu. Busquei levar uma aprendizagem significativa, algo que torne o momento produtivo, mas que depois o aluno possa se recordar do que foi visto, lido, refletido e dialogado.

Fazendo uma analogia ao estudo de Lira e Saito (2016), que também buscaram analisar experiências de formação docente na graduação de pedagogia com foco na literatura infantil,

um aspecto que nos chamou atenção foi o leque de possibilidades que os graduandos possuem para trabalhar temas diversos com os educandos, essas possibilidades ajudam as crianças a desenvolverem seu cognitivo, criatividade, enfrentarem seus medos, aprimorarem sua oralidade, assim “tais encaminhamentos podem contribuir com a formação de indivíduos críticos, capazes de fazer suas próprias escolhas, de questionar, argumentar e saber se expressar nas mais variadas situações sociais, sejam elas institucionalizadas ou não”. (LIRA E SAITO, 2016, p. 276).

Quanto à questão de avaliação sobre as suas próprias práticas, a maioria dos entrevistados avaliaram a sua prática como positiva, bem como a participação e engajamento dos alunos. Quando perguntados se consideram que suas práticas foram para além do ensinar e sim conscientizar, libertar e emancipar os alunos, Pinóquio relata que sua prática com a literatura infantil: “iniciou uma libertação e emancipação das crianças, trazendo questões que provocaram a revolta delas”.

Já Narizinho afirma que:

Narizinho: Vejo que em algumas questões consegui promover isso, como permitir a escolha do livro e promover um diálogo sobre ele. Porém, ainda sim algumas coisas ficam muito condicionadas ao currículo, tornando o ensino mais mecânico. Mas vejo que futuramente, com mais autonomia, posso desenvolver um trabalho melhor.

Apesar disso, durante as entrevistas, muitas falas em relação a uma prática de qualidade com o uso da literatura infantil mostraram-se controversas, apresentando um caráter tradicional e pedagógico com esse gênero. Pinóquio vê que: “há o empecilho do horário destinado para a aula e muitas vezes o texto não bate com o assunto, e mesmo lendo apenas por deleite, temos que puxar os alunos de volta para o conteúdo, por ser horário da aula”. Alice disse que procura trabalhar com a literatura infantil: “sempre que possível, sempre que há uma brecha”. Já para Rapunzel “a rotina dentro da sala de aula é muito complexa e os professores muitas vezes não estão preparados para isso, leem a história por cima”.

Com isso percebemos que há diversas barreiras que impedem que o trabalho com a literatura infantil ocorra de forma significativa para os alunos. Entre essas barreiras está a rotina da sala de aula e a formação dos professores, como Rapunzel pontuou. A rotina costuma interferir em uma prática consciente, reflexiva e lúdica, pois está muito voltada ao tradicionalismo e ao ensino conteudista entranhado na escola, que busca constantemente resultados e qualidade nas disciplinas consideradas mais importantes para o currículo.

3.6. Caráter libertador e emancipador da literatura infantil pela percepção dos discentes em formação de professores

Convidamos os entrevistados a pensarem sobre os conceitos libertar/libertação e emancipar/emancipação. Para Pinóquio, estes conceitos implicam em: “viver aquilo que se acredita”. Já Pequeno Príncipe, Narizinho e Alice associaram essas palavras à prática docente.

O participante Pequeno Príncipe disse que ouviu a palavra libertar pela primeira vez dentro do curso de pedagogia, pois até então essa palavra era diferente para ele.

Pequeno Príncipe: Ouvi a palavra libertar primeiramente na graduação e achei essa palavra diferente (...) com a liberdade que tenho em sala de aula me sinto mais à vontade e fico mais livre para trabalhar com as crianças, não me sinto preso a um sistema que pode me prejudicar, me limitar e me atrasar (...) sobre emancipação, vocês me pegaram, não sei dizer o que significa.

Nas palavras de Rambo (2018, p. 8): “a emancipação nada mais é do que o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os oprimidos, que se libertam a si e aos opressores desde a prática de não mais deixarem ser oprimidos por ninguém”.

Narizinho, relaciona essas palavras à autonomia que o professor pode ter em sala de aula: “libertar seria você ter uma autonomia em relação a aula e emancipação seria você não precisar da autorização de outra pessoa”. Nesse sentido, percebe-se que os entrevistados veem liberdade como algo intrínseco ao professor e a prática docente e não ao próprio educando.

Alice, ao associar tais palavras à prática docente, também relaciona à própria literatura infantil, ao dizer que o professor pode utilizar as histórias infantis para o aluno pensar para além do que foi exposto: “é quando você leva algum assunto que faz com que a criança consiga entender além do que está sendo exposto, além do que a mensagem traz, entender que existe algo para tirar daquela história e usar no seu dia-a-dia”.

Emília faz uma relação entre libertação, emancipação, criança e livros infantis: “libertação e emancipação é a criança conseguir entender o que se passa naquela história, se enxergar e vivenciar aquilo, ser livre pra isso, pra recriar, criar, ler o que ela achar livre pra ler”.

Já Gato de Botas vê libertação e emancipação como oportunidades capazes de dar protagonismo e poder de transformação às crianças, nesse sentido, aponta que esses processos podem desencadear um ciclo de mudança na sociedade.

Gato de Botas: Quando a gente fala de libertar e emancipar não é só pra criança abrir a mente dela pro mundo, mas também pra ela se sentir protagonista, reconhecer onde está (...) uma pessoa liberta e emancipada consegue mudar o contexto dela também para que outras pessoas possam ter essa liberdade e emancipação.

Ao serem questionados se consideram a literatura infantil como uma forma de libertação e emancipação das crianças, os oito participantes responderam que sim. Alice e Pinóquio disseram que as histórias infantis promovem reflexão e tomada de consciência. Peter Pan acredita que esse seja o papel dos livros, libertar e emancipar.

Peter Pan: Vivemos presos em uma bolha, dentro de uma ideologia de quem tá dominando, então quando a criança tem acesso aos livros elas têm essa capacidade de se libertar dessa ideologia, desses ensinamentos que são comumente utilizados e passa a pensar por conta própria, um ser ativo, emancipado, quer dizer que a criança tem essa liberdade de tomar suas decisões, de saber porque ela tá fazendo aquilo, eu acho que é importante desde a infância.

Como Peter Pan trouxe em sua fala, os livros possuem o poder de libertar e emancipar, no entanto cabe ao professor o compromisso ético em propor um trabalho sério e consciente com a literatura infantil, ajudando os educandos a se tornarem sujeitos livres e emancipados.

Freire (2005) diz que não devemos privar o educando de “ser mais”, assim, quando utilizamos a literatura infantil apenas para atender necessidades pedagógicas e lúdicas, esse sujeito estará deixando de ser mais, entretanto, se utilizamos a literatura infantil para além disso, de forma problematizadora e conscientizadora, possibilitamos os alunos a alcançarem sua liberdade e definitivamente enfrentarem o sistema opressor.

3.7. Olhares dos participantes sobre como deve ser o trabalho com a literatura infantil

Quando indagados sobre possíveis estratégias para trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, o participante Pequeno Príncipe acredita que é necessário: “termos uma boa base, procurar por fora, ter conhecimento sobre determinados assuntos, saber construir um bom plano de aula e ter uma boa estrutura, pois as escolas nos limitam muito”.

Para Alice: “não se pode contar uma história por apenas contar, é preciso levar para sala de aula histórias que trazem significados para as crianças”. A fala de Alice complementa o pensamento de Gato de Botas, que volta sua prática com a literatura infantil para a valorização da cultura regional. O participante expõe uma proposta coerente e relevante ao expor a necessidade de valorizarmos o que é da nossa cultura. Para ele é necessário que o professor leve para suas aulas com a literatura infantil, temáticas da nossa região para que a criança se sinta pertencente ao seu lugar, seja protagonista de sua história.

Gato de Botas: (...) focar sempre em dá destaque ao que é nosso, valorizar o que é nosso para que possa fazer com a criança tenha esse pensamento de liberdade e se emancipar também. É impossível você ser liberto e se emancipar ouvindo histórias de outro lugar, sem conhecer seu próprio lugar, então quem esquece de onde veio, não sabe o caminho que vai trilhar e não sabe também como vai se moldar dentro daquele espaço.

Para Emília a escola precisa dar o pontapé inicial, escolhendo materiais (livros infantis) para serem utilizados durante todo o ano letivo, pois, em sua visão, essa seria uma estratégia eficiente para o incentivo ao hábito da leitura.

Emília: A escolha de materiais pra ser utilizado pelas crianças, tem que ser um ponto chave pra isso, porque esses livros precisam estar no planejamento da escola durante todo ano pra incentivar essas crianças (...) porque a escola não trabalha também esse

hábito pra ajudar essas crianças? acho que se fosse desde o começo feito, acho que até em casa os pais entenderiam mais, eles consideram a leitura de livrinho besteira (...) eu acho que também parte da escola em ser uma incentivadora no quesito de desde o começo do ano realmente colocar livros no cotidiano da criança.

Em sua fala, Emília aborda duas questões muito importantes, primeiro sobre a escolha dos livros para as crianças. De acordo com Coelho (2010) é necessário escolher com muita cautela os livros que devemos levar para sala de aula, pois os livros precisam atender as necessidades, interesses e faixa etária dos educandos.

Em segundo lugar, Emília destaca a importância da escola está aliada a família, precisando despertar nela esse reconhecimento da literatura infantil, enfatizar seu papel e poder de atuação, bem como o próprio hábito de leitura com as crianças, ambas promovendo e melhorando o acesso das crianças aos livros.

Já Narizinho reforça a importância de utilizar a literatura infantil em suas diversas vertentes e não reduzindo-a somente a alfabetização e demais usos pedagógicos, mas sim explorar as suas potencialidades, despertando a criticidade do educando e o desejo de ler por prazer.

Narizinho: Desenvolver um trabalho ancorado em livros que abordem temáticas cotidianas e para além disso, o professor deve se atentar às idades, gostos e realidades de seus alunos. Também, o professor pode desenvolver projetos com a literatura infantil, projetos que vão além de só alfabetizar, mas para se divertir também, pois às vezes ficamos muito apoiados na ideia de que a literatura seja só uma forma de estudo, isso faz com que os alunos cresçam com esse medo de ler. Por isso é necessário tentar colocar as duas coisas no peso, a utilização da literatura infantil para ensinar e também para o divertimento dos alunos.

Com sua fala, Narizinho explica perfeitamente como deve ser o trabalho com a literatura infantil em sala de aula, um trabalho onde não se priorize algo em detrimento de outrem. Enfatizamos que o trabalho com a literatura infantil deve contemplar ser para além do pedagógico e sim baseado em uma proposta conscientizadora e de emancipação humana, para isso, o educador precisa ter em mente que “o seu fazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da liberdade”. (FREIRE, 2005, p. 143).

4. Colorin, colorado, este conto está terminado...ou não. (Considerações Finais)

O presente trabalho teve por objetivo identificar concepções e práticas dos formandos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, acerca do trabalho desenvolvido com a literatura infantil em contexto de sala de aula, analisando quais são suas concepções e como desenvolvem suas aulas com as histórias infantis. Destacando a importância desse gênero para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança, em despertar a imaginação, a criatividade e o discernimento, além disso a literatura infantil também proporciona um elo entre o imaginário e o mundo real, provocando nas crianças o desejo de aprender, criar, se perceber e se construir.

Observando as discussões e opiniões durante as entrevistas, a maioria dos formandos conseguiu definir o que é literatura infantil, demonstrando um entendimento claro sobre o gênero e expressando pontos de vista diversos, mas todos trazem importantes elementos que só a literatura infantil pode proporcionar à criança. Percebemos que dentro da sala de aula os formandos não veem a literatura trabalhada de forma mais social, para desenvolver a liberdade e emancipação das crianças, embora, muitos destacam a importância de cumprir esse papel, porém na prática pouco se vê isso.

Quanto ao caráter libertador e emancipador, percebemos que poucos souberam trazer uma definição clara do que se tratavam os termos, contudo, quando indagados se consideram a literatura infantil como uma forma de libertação e emancipação das crianças, todos responderam que sim, e pontuam aspectos como: reflexão, tomada de consciência e protagonismo. Infelizmente durante as entrevistas vimos o quanto a literatura infantil em sala de aula tem o seu papel resumido ao ler por ler, ou a algo para alfabetizar, desenvolvendo uma prática presa ao tradicionalismo que leva esse gênero muitas vezes a banalização, sendo um passatempo, ou servindo para que a escola passe a impressão de que está formando indivíduos leitores, reflexivos e críticos, quando na verdade não está.

Como parte importante a destacar neste trabalho, evidenciamos a própria formação desse educador, construindo um elo entre teoria e prática, a busca pelo aperfeiçoamento, a pesquisa e o desenvolvimento de seu papel enquanto educador transformador e político. Quando perguntados sobre como aprenderam a trabalhar com a literatura infantil, a maioria dos sujeitos deste estudo respondeu que aprendeu na prática, por meio dos estágios e através de programas de formação docente como o PIBID e o Residência Pedagógica. Pontuaram também sobre a falta de uma disciplina que trabalhe a literatura infantil logo nos primeiros períodos do

curso para ajudar a ter um maior embasamento teórico e estratégias para usar em sala de aula com as crianças.

Quando questionados sobre suas próprias práticas em sala de aula, notamos que a maioria dos formandos utilizam a literatura infantil alinhada à contação de histórias ou a outras ferramentas de forma bastante interessante e significativa para o educando, gostam de variar com livros, levando diversos gêneros, abordando temáticas emergentes na sociedade. Contudo, muitos formandos expressam o quanto é difícil fazer uma prática que seja significativa para os alunos, pois a rotina da sala de aula, a própria formação de professores e a desvalorização da literatura infantil são barreiras muito difíceis de ultrapassar.

Diante do que foi exposto reforçamos a importância de trabalhar a literatura infantil de forma mais significativa, não sendo uma prática superficial, pedagógica ou presa ao ler por ler, mas que tenha seu devido reconhecimento explorado nas escolas, levando às crianças a terem mais autonomia, conhecimento, protagonismo, liberdade e emancipação.

Reconhecemos que esse estudo é de grande contribuição para a comunidade acadêmica, mas, vale ressaltar que possui certas limitações que dizem respeito à ausência de pesquisas que tratem da prática de acadêmicos de pedagogia com a literatura infantil. Além disso, destacamos também a falta de um método de pesquisa mais aprofundado das práticas dos formandos em sala de aula, onde poderíamos utilizar outros métodos de investigação, como a observação e análise de seus planos de aula. Visto isso, esse estudo pode ser ampliado por outros pesquisadores.

Por fim, esperamos que a pesquisa abordada sobre o presente tema perpassasse por entre formandos e educadores, contribuindo para uma prática mais efetiva e significativa da literatura infantil, para que esses a levem para a sala de aula mais vezes, de forma mais prazerosa, crítica e reflexiva, exercendo seu papel de educadores e transformadores do meio em que estão inseridos.

Ademais, esperamos que a literatura infantil seja percebida e trabalhada de forma a contribuir para a construção do ser social, histórico e político da criança, permitindo que essa tenha o seu direito garantido de acesso aos livros, ao conhecimento, a cultura, a reflexão, a liberdade de expressão e imaginação que a literatura proporciona.

Com a literatura é possível se deslocar para o lugar do outro, compreender o que ainda não sabemos e nos humanizar, pois conhecendo o outro é possível ter uma visão mais alongada do que é ser humano.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução**. Brasília, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura Infantil?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, n. 15, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p. 171-193, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LAJOLO; Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. Experiências de formação docente na graduação: em foco a literatura infantil. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 27, n. 1, p. 264-278, 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACÊDO, Daiane de Oliveira. **A literatura infantil na prática pedagógica: encantar ou ensinar a ler?**. 2020.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

RAMBO, Ricardo Albino. Emancipação na perspectiva de Paulo Freire. **Revista IBC**, 2018.

SANTOS, Lays Antonnyêta Luna et al. **Percepções de professoras da educação infantil sobre a literatura de cordel: desafios e possibilidades para as práticas pedagógicas**. 2021.

TORRES, Carla Michele Ramos, Educação e Emancipação em Karl Marx e Theodor Adorno. **Revista HISTEDBR On-linl**, Campinas, v.17, n. 4 [74] p.1266-1282, out/dez. 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1994.